

ESCREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA

A LITERATURA DE DONA ESMERALDINA NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA
QUILOMBOLA NO AMAPÁ*Daniel Batista Borges*

Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e professor do curso de Letras na Universidade Federal do Amapá.
ORCID: 0000-0003-2021-1334

Marília Picanço Martins

Acadêmica em Letras Português e Inglês na Universidade Federal do Amapá.

Yurgel Pantoja Caldas

Doutor em Literatura Comparada pela UFMG e professor do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá.

Resumo: Este artigo analisa a obra literária de Dona Esmeraldina, escritora quilombola do Amapá, sob a perspectiva do conceito de "escrevivência", desenvolvido por Conceição Evaristo. A pesquisa investiga como suas narrativas resgatam e preservam memórias, oralidades e tradições da comunidade quilombola, tornando-se um instrumento de resistência e valorização da identidade negra. A análise é embasada em referenciais teóricos sobre literatura e cultura quilombola, além de uma entrevista realizada com a autora. O estudo reforça a relevância da literatura de Dona Esmeraldina na promoção da representatividade negra e no fortalecimento da memória cultural do Amapá, contribuindo para o debate sobre diversidade na literatura brasileira.

Palavras-chave: Escrevivência; Literatura Quilombola; Memória Cultural; Resistência.

Abstract: This article analyzes the literary work of Dona Esmeraldina, a quilombola writer from Amapá, through the lens of the concept of "escrevivência," developed by Conceição Evaristo. The research investigates how her narratives recover and preserve memories, oral traditions, and cultural practices of the quilombola community, positioning her work as an instrument of resistance and the valorization of Black identity. The analysis is supported by theoretical frameworks on quilombola literature and culture, as well as an interview conducted with the author. The study emphasizes the importance of Dona Esmeraldina's literature in promoting Black representation and strengthening the cultural memory of Amapá, contributing to the ongoing debate on diversity in Brazilian literature.

Keywords: Escrevivência; Quilombola Literature; Cultural Memory; Resistance.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a obra de Dona Esmeraldina, escritora quilombola do Amapá, com base no conceito de 'escrevivência' de Conceição Evaristo. A autora resgata memórias e tradições quilombolas, fortalecendo a identidade negra e a resistência cultural. A pesquisa inclui uma entrevista com a autora e referências teóricas sobre literatura quilombola.¹

As narrativas de Dona Esmeraldina mobilizam memórias e tradições da comunidade, reafirmando sua identidade cultural e resistência. Sua literatura preserva a cultura quilombola e denuncia desafios históricos e atuais. Sua escrita se insere na tradição de resistência literária das mulheres negras, dialogando com autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. A abordagem teórica deste estudo combina literatura e estudos culturais para compreender a relevância de sua obra na valorização da identidade quilombola.

Engajada na manifestação cultural do marabaixo, Dona Esmeraldina, também compositora de muitos ladrões² de marabaixo, captura a alegria e a espiritualidade dessa expressão artística com raízes profundas na cultura afro-amapaense. Seu envolvimento no marabaixo é uma extensão de sua "escrevivência", contribuindo para a preservação e a promoção dessa manifestação única.

O estudo da obra de Dona Esmeraldina valoriza e amplia a voz das comunidades quilombolas. Entender e destacar a singularidade da voz de Dona Esmeraldina, por meio do conceito de "escrevivência" proposto por Conceição Evaristo, evidencia não apenas sua contribuição para o campo literário do Amapá mas também contribui para ampliar o diálogo sobre

¹ O presente trabalho se filia, como plano de trabalho, ao projeto de pesquisa "Saberes e Poéticas Orais da Amazônia Amapaense", em execução sob a coordenação do Curso de Letras Francês (CCLFRAN) e do Departamento de Letras e Artes (DEPLA) da Universidade Federal do Amapá, código: PIL2004-2023.

² As composições conhecidas como cantigas de Marabaixo são constituídas por versos denominados de "Ladrões". Esses versos são elaborados de maneira improvisada, com a finalidade de abordar, criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar diversos eventos que ocorrem na rotina da comunidade, conforme destacado por Videira (2004). De acordo com Silva (2014), a noção de "Ladrões de Marabaixo" pode ser encapsulada por uma expressão poética melódica que reflete o sofrimento vivenciado pelos negros. Contudo, vale ressaltar que essa expressão também se origina da habilidade improvisadora dessas pessoas ao retratarem eventos de suas experiências cotidianas.

diversidade e representatividade das mulheres negras na literatura brasileira, ressaltando a memória cultural quilombola e promovendo uma compreensão mais inclusiva e holística da literatura. Segundo Candido, a literatura é um espelho da sociedade³, refletindo suas complexidades, suas nuances e, por vezes, suas injustiças. No contexto brasileiro, a narrativa literária muitas vezes omite ou marginaliza vozes que são fundamentais para a compreensão completa da identidade nacional. Especificamente, as mulheres negras têm sido historicamente sub-representadas na literatura, apesar de suas contribuições significativas para a construção cultural e histórica do Brasil.

DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

ESCREVIVÊNCIA: NARRATIVAS DE AUTODETERMINAÇÃO E RESISTÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA

Há muito tempo, mulheres negras têm participado ativamente da organização do tecido literário nacional, erguendo suas vozes e reivindicando a legítima posição de escritoras. A escrevivência, conforme Conceição Evaristo, emerge da junção entre escrita e vivência, destacando a resistência cultural de mulheres negras na literatura.

De acordo com Evaristo (2020), a representação literária da mulher negra, ainda profundamente arraigada a imagens vinculadas ao seu passado de escravidão, a retrata primordialmente como um corpo voltado à procriação e submetido ao prazer do macho senhor, falhando em atribuir-lhe a dignidade do papel de mãe, uma designação que tradicionalmente foi alocada às mulheres brancas em termos gerais.

Autoras negras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus desempenham um papel crucial na incorporação da autoimagem negra no cânone literário brasileiro. Suas narrativas sócio-históricas, baseadas em experiências pessoais, destacam a vivência da dupla identidade de mulher e negra, muitas vezes subjugada pela sociedade. Conceição Evaristo chamou essa experiência de “escrevivência”.

³ Candido (1965) argumenta que a literatura não é apenas um reflexo passivo da sociedade, mas um instrumento vivo que dialoga ativamente com suas complexidades e seus desafios. Para o crítico literário, a literatura desempenha um papel fundamental na formação cultural de uma sociedade, moldando e sendo moldada por seus valores, seus conflitos e suas aspirações. Ele via a obra literária como um espelho que reflete as contradições e as esperanças de uma comunidade, ao mesmo tempo em que ela oferece percepções sobre a natureza humana. Assim, a relação entre literatura e sociedade, segundo Candido, é uma interação dinâmica e intrincada, onde a literatura se posiciona como uma ferramenta essencial para a compreensão e a transformação do tecido social.

Escrevivência combina escrita e vivência, trazendo a memória coletiva das mulheres negras para a literatura. O cerne reside na genealogia que a informa, revelando suas raízes, origens e conexões com experiências étnicas e de gênero específicas. Como esclarece Evaristo (2022) a escrevivência não constitui uma mera escrita de si, uma vez que esta se circunscreve ao indivíduo em questão. Ela encerra em si a narrativa da vivência coletiva.

MEMÓRIA E NARRATIVA: UMA JORNADA ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO

Em nossa pesquisa, a memória, tal como conceitualizada por Ecléa Bosi (1994), será acessada por meio da narrativa oral e da produção literária escrita. As narrativas orais de histórias de vida são importantes para trabalhar com o passado dos indivíduos, o cotidiano ou as experiências individuais. Assim, para Perazzo (2015, p. 130), as narrativas orais de história de vida permitem compreender as escolhas e experiências sociais dos indivíduos, além de preservar o passado.

As narrativas orais são importantes não somente para o indivíduo, mas também para a sociedade, pois permitem que a tradição oral seja transmitida. É através da transmissão coletiva entre gerações que a tradição oral se mantém viva. Partindo deste ponto vista, tomaremos como base teórica os trabalhos de Paul Thompson (1992). Em seu livro *A voz do Passado: História Oral* (Idem, p. 21), o autor afirma que a história local e familiar ajuda as pessoas a compreenderem mudanças sociais e tecnológicas, conferindo sentido às transformações vividas.

As perspectivas teóricas acima adotadas ressaltam a interação entre memória individual e coletiva, permitindo-nos entender a profundidade de algumas das memórias compartilhadas por Dona Esmeraldina e sua comunidade.

ANÁLISE DA OBRA DE DONA ESMERALDINA

A análise da obra de Dona Esmeraldina focará na estrutura narrativa, nas escolhas linguísticas e nas técnicas literárias que a autora utiliza para comunicar suas mensagens e reflexões. Também será considerada a incorporação de elementos sensoriais e culturais na sua obra, com especial atenção à preservação da memória quilombola através da sua escrita.

Para esta análise, foram utilizadas três obras de Dona Esmeraldina. A primeira delas, sendo a principal, com o título *Histórias do Meu povo* (2002). É uma expressiva contribuição à literatura contemporânea que emerge das

vivências e das narrativas de uma mulher quilombola. A autora delineia a atmosfera do espaço em que habita, utilizando características específicas inerentes à comunidade quilombola do Curiaú. Sua narrativa abrange a formação do quilombo, as dificuldades enfrentadas pelos seus antepassados para se libertarem do sistema escravista no Estado, e retrata o racismo desde a época do Amapá-território, de maneira clara e objetiva. Além disso, a autora descreve o cotidiano da comunidade quilombola em que ela cresceu, evidenciando a relação com o local de habitação e as formas de sobrevivência dos povos inicialmente presentes naquela região.

O *corpus* de análise abrange a entrevista realizada com Dona Esmeraldina em 16 de setembro de 2023, para os estudos da disciplina de Teoria da Literatura, juntamente com a produção literária da autora. A entrevista foi realizada pelas acadêmicas Marilia Martins, Luana Araújo, Dafine Sousa e pelo acadêmico Kawan Weslley. O propósito da entrevista foi explorar a autoridade narrativa de Dona Esmeraldina, à luz dos princípios de Walter Benjamin, que qualificam o contador de histórias.

Dona Esmeraldina, como autora-narradora, centraliza sua obra na resistência e identidade quilombola, fortalecendo a memória de sua comunidade. Publicada em 2002, a obra compõe uma trama que transcende a mera narrativa, explorando as nuances da identidade cultural, da resistência e da vivência quilombola. Desde a sua infância, ela reside na Área de Preservação Ambiental (APA) do Curiaú, onde cresceu imersa na cultura rica e diversa de sua região. Seu primeiro contato significativo com a literatura ocorreu na Escola Paulo Freire, onde cursava a Educação de Jovens e Adultos (EJA), marcando o início de uma relação vital com a escrita. Diante da escassez de livros em sua comunidade, Esmeraldina explorou o mundo da escrita através das histórias compartilhadas por seu pai, Maximiano Machado dos Santos.

A segunda obra a ser utilizada tem como título *As aventuras de Dona Florzinha*, uma história de cunho infantil, baseada em fatos reais vivenciados pela mãe da autora, que tinha uma criação de galinhas e, em um determinado dia, um macaco apareceu no galinheiro e espantou as galinhas de Dona Florzinha. Para criar sua narrativa, Dona Esmeraldina constrói um cenário com elementos do imaginário local, que caracterizam a construção do ambiente em que ela vive. A autora, então, transforma essa vivência em uma história infantil a fim de contar os sinistros que acontecem na sua comunidade. Por fim, a última obra analisada foi *A Onça* (2020), em que ela narra a aparição de uma onça em sua comunidade.

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS

Os personagens que compõem a narrativa de *Histórias do Meu Povo* (2002) são diversos, e todos grandes figuras do Amapá. Na construção da obra, esses personagens são coadjuvantes da protagonista da história - a própria memória de dona Esmeraldina - que desempenha a ação de relembrar e organizar os acontecimentos históricos a esses personagens secundários. Vale destacar ainda que, se certos personagens são secundários em certa obra, eles se tornam personagens principais em outras, como por exemplo, a mãe da autora, que, em *Histórias do Meu Povo*, tem suas vivências rememoradas juntamente com as de outros personagens-tipo de uma narrativa coletiva, mas que em *As aventuras de Dona Florzinha* (2011) apresenta-se incorporando histórias de ancestralidade, lutas e triunfos.

Meus pais: Francisca A. dos Santos e Maximiano M. dos Santos, mais conhecidos como: Tia Chica e Tio Bolão; hoje estão velhos, mas lúcidos, pois se lembram de tudo que fizeram para vencer na vida e criar seus filhos. Minha Mãe, nem se fala, batalhou sempre com seus filhos do lado, se dedicou à roça, primeiro ajudando os outros e até que conseguiu seu próprio pedaço de chão (Santos, 2002, p. 24).

No trecho mencionado acima, um recorte da primeira obra analisada, a mãe da autora, Francisca A. dos Santos, figura como um pilar significativo na narrativa de Dona Esmeraldina. Carinhosamente conhecida como Tia Chiquinha, ela é retratada como uma mulher resiliente e dedicada, cujas experiências e contribuições desempenham um papel fundamental na construção da história familiar e comunitária. O relato destaca a jornada árdua enfrentada por Tia Chiquinha e seu esposo, Tio Bolão (Maximiano M. dos Santos), ao longo da vida, destacando a resiliência do casal diante dos desafios da vida.

Ao apresentar a mãe como uma figura ativa na construção do meio de vida e na criação dos filhos, o trecho transmite uma narrativa que honra a contribuição valiosa de Tia Chiquinha para o desenvolvimento da comunidade e para a construção do legado familiar. A história dessa personagem não apenas enriquece o panorama da obra, mas também oferece uma perspectiva vívida sobre a força e o comprometimento das mulheres quilombolas na preservação de suas tradições e no enfrentamento das dificuldades impostas pela história e pelo contexto em que vivem.

Já na obra *As aventuras de dona Florzinha*, a autora assume o papel de protagonista, encenando toda a história ali contada.

Neste vilarejo, existia uma casa onde morava uma senhora com mais ou menos 70 anos, chamada por Dona Florzinha. Dona florzinha tinha os cabelos brancos, gostava de vestir vestidos, e de colocar um lenço na cabeça. Era ranzinha, e às vezes muito brava, mas era uma boa senhora. Dona florzinha criava muitas galinhas (Santos, 2021, p. 3).

Quando eu era criança e ajudava minha mãe na roça, conheci mulheres que lutavam para ganhar a vida; Dona Maria dos Santos, Dona Benedita, Tia Joaquina, Maria Ramos e as minhas tias que jamais irei esquecer: Venina, Joaquina do Garcia e Joana “do Piu”, estas carregavam latas de tucupi na cabeça, muitas vezes quente, para que no outro dia tivessem o seu próprio dinheiro, do tabaco, do açaí, até mesmo do São João da Barra, uma bebida que naquela época era muito apreciada. Simão, este então, só vivia no lago atrás de peixe ou de apanhar uma bacaba, como ele sempre gostava. Seu Biluca dizia “se esta tala rebentar, esta casa cair, vai estragar meu açaí” (Santos, 2002, p. 21).

Em seu livro, a autora delineia, ainda, as proeminentes figuras que constituíram o pano de fundo narrativo desde a fundação do quilombo até a contemporaneidade, delimitada pelo ano de publicação da primeira obra, *Histórias do Meu Povo* (2002).

Curiaú, onde tudo começou! Meu avô se chamava Januário Clarindo dos Santos, um dos filhos dos escravos. Você seria capaz de imaginar o que este homem fazia para sobreviver? Ah! Esta época foi de muita luta, a caça era um de seus pontos fortes, ao encontrar uma onça seus tiros eram certeiros e sempre no meio dos olhos (Santos, 2002, p. 15).

A escritora aborda também os eventos históricos vinculados a esses protagonistas, discorrendo sobre suas vivências e os desafios enfrentados. Adicionalmente, a narrativa oferece uma perspectiva particular ao compartilhar as tradições orais legadas por esses personagens, revelando camadas importantes da cultura quilombola, as quais permeiam tanto a trama quanto a identidade cultural da comunidade.

Tio Inácio também veio fugido para Macapá, chegando em uma canoa, tocando caixa de marabaixo anunciando a Deus e ao mundo a sua liberdade, passou a morar sozinho no campo da bacaba, hoje chamado de Capinlândia; tocava caixa de marabaixo a noite toda, com três cachorros amarrados à cintura, lá não passava ninguém, ouvia-se o som de longe, louvando a Deus por estar vivo. Seu João da Cruz é um dos netos que ficou para fazer alegria na hora de rezar a folia. A alegria de viver é tanta que debaixo de sol, chuva, relâmpago e trovão jamais perderam a fé em Deus, tudo isso era sinal que Deus não esquecia dos negros, escravos trabalhadores (Santos, 2002, p. 20).

Os desafios enfrentados pelo personagem Tio Inácio são evidentes na descrição de sua chegada, fugindo para Macapá em condições adversas, tocando caixa de marabaixo como um ato de resistência e celebração de sua liberdade. A solidão no campo de bacabas, associada ao som noturno da caixa

de marabaixo e aos cachorros amarrados à cintura, cria uma imagem poderosa de perseverança diante das dificuldades e da adversidade. Seu João da Cruz, como neto de Tio Inácio, é mencionado como alguém que continua a tradição de trazer alegria durante a folia, destacando a transmissão intergeracional das práticas culturais quilombolas. A descrição de “alegria de viver” reforça a resiliência da comunidade frente às condições adversas, simbolizadas pelas intempéries (sol, chuva, relâmpago e trovão). O comprometimento com a fé em Deus, mesmo diante das condições adversas não somente do tempo, mas da vida, sugere uma ligação profunda entre espiritualidade e resistência, representando a força coletiva da comunidade diante dos desafios históricos enfrentados pelos negros escravizados.

Freitas (1984) argumenta que os quilombos representaram uma forma de insubordinação negra, surgindo como uma estratégia de sobrevivência e resistência contra a escravidão, em resposta às repressões que os negros enfrentavam. Muitos negros fugitivos organizaram-se em locais afastados, o que lhes permitia resistir ao sistema escravista. Dessa maneira, os quilombos tornaram-se locais de refúgio, sendo a única alternativa possível diante das condições de escravidão, onde se buscava a defesa e a luta pela sobrevivência. Durante a entrevista, Dona Esmeraldina enfatiza os mesmos aspectos, por meio do relato oral e da narração das ações de outros personagens. A autora partilha a história de seu antepassado que, diante das injustiças perpetradas pelo sistema escravagista, ousou empreender uma fuga notável, considerando o contexto da época, fixando-se com bravura nos recônditos das matas e nas margens imponentes do rio Amazonas. A trajetória desse ancestral reveste-se de simbolismo, destacando-se como um testemunho da resistência e da busca por alternativas à exploração desumana. Dona Esmeraldina enfatiza a tenaz resistência de seu tetravô em se submeter à condição de escravidão, evidenciando a coragem e a determinação que permearam sua jornada.

Meu pai, ele nasceu aqui no Curiaú com a minha mãe porque eu venho de uma família de ex-escravos, né? o meu “tertaró” avô, ele veio com as primeiras famílias que vieram para Mazagão, então ele não conseguiu ser escravo, na... na chegada dele ele conseguiu logo fugir, ele fugiu, veio pela mata e depois conseguiu chegar pelo rio e veio nessas beiradas do rio amazonas que foi quando ele encontrou uma índia, uma indígena, uma índia não, uma indígena que aqui na nossa região nós temos muito, né, indígenas? E ele encontrou uma indígena e trouxe e já trouxe essa indígena e já veio com ela e já chegando pra cá, quando ele conseguiu chegar, é... aqui no mocambo que tem uma pedra muito grande, né, no mocambo, daqui ele já conseguiu chegar no Curiaú foi quando começou as primeiras famílias e ele foi um dos primeiros moradores daí já veio meu avô, já com a fuga, né, com a chegada desse casal, já nasceu o meu avô Januário e do meu avô já veio

a família da minha mãe, minha mãe, meu pai, porque minha mãe com meu pai eles eram primos porque o meu avô com a minha avó eles eram irmãos, né. (2023, 00:02:13)

É com olhar crítico sobre a história que a autora integra presente e passado, alinhavando sua escrevivência. Em seu livro, Dona Esmeraldina também oferece uma narrativa que retrata o racismo vivenciado por seus antepassados e as árduas batalhas travadas em busca da liberdade.

O que sobrou do negro quando veio a lei que os prejudicavam ainda mais, de nada valeu, somos negros, só queremos trabalhar, procurando viver com respeito e dignidade e conquistar um espaço na sociedade. Hoje, todos aqueles que passaram pela escravidão se orgulhariam dos filhos, netos, bisnetos e tataranetos que juntos fazem a festa do santo padroeiro São Joaquim (Santos, 2002, p. 17).

No trecho acima, a autora delineia a persistência do negro diante das leis discriminatórias que, ao invés de extinguirem as adversidades, intensificaram-nas. A afirmação assertiva, “O que sobrou do negro quando veio a lei que os prejudicavam ainda mais, de nada valeu”, ressoa como um testemunho contundente das injustiças enfrentadas. Esmeraldina não se limita a expor as adversidades, mas reforça a identidade negra ao proclamar: “Somos negros, só queremos trabalhar, procurando viver com respeito e dignidade e conquistar um espaço na sociedade.” Nessa declaração, há um chamado à igualdade, à oportunidade justa de contribuir para a sociedade e à busca de reconhecimento como cidadãos dignos.

O anseio por uma vida com respeito e dignidade permeia a mensagem da escritora quilombola, refletindo não apenas a experiência individual da autora, mas a luta coletiva de todos aqueles que compartilham uma história marcada pela escravidão. Ao afirmar que “todos aqueles que passaram pela escravidão se orgulhariam dos filhos, netos, bisnetos e tataranetos”, Dona Esmeraldina destaca não apenas a superação, mas também a construção de uma herança que é motivo de orgulho para a comunidade negra. Sua escrita não apenas narra a história de personagens importantes para a construção identitária, mas esculpe uma trajetória de superação e orgulho que ecoa através das gerações.

OS DESAFIOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA NA LITERATURA DE DONA ESMERALDINA

A escrita de Dona Esmeraldina, como evidenciada em *Histórias do meu povo* (2002), também capta os desafios enfrentados pela comunidade quilombola à qual a autora pertence. A escolha do título “Histórias do meu povo” ressalta a conexão intrínseca entre a obra e a experiência de vida da autora, revelando um compromisso em desvelar as histórias até então não

contadas, rompendo com o silêncio histórico que muitas vezes marginalizou as narrativas quilombolas.

Em 2023, segundo Pantoja (2024), o Amapá possuía 31 territórios quilombolas oficialmente delimitados e 44 comunidades com certificado de autodefinição, mas apenas quatro comunidades detinham o Título de Reconhecimento de Domínio. Segundo o Censo de 2022, 12.894 pessoas no estado se autodeclaravam quilombolas, sendo Macapá o município com maior número, totalizando 9.110 quilombolas. Proporcionalmente, o Amapá ocupa a terceira posição entre os estados brasileiros com maior população quilombola. Apesar da existência de quatro comunidades tituladas – Curiaú (1999), Conceição do Macacoari (2006), Mel da Pedreira (2007) e São Raimundo do Pirativa (2013) – o processo de titulação de terras quilombolas segue complexo e demorado, com 31 comunidades ainda aguardando regularização pelo INCRA. Além das dificuldades burocráticas, essas comunidades enfrentam desafios como expansão urbana, especulação imobiliária e sobreposição com unidades de conservação, além da pressão exercida pelo agronegócio. O Quilombo do Curiaú, localizado a 12 km de Macapá, ilustra essa realidade: apesar do esforço para preservar saberes locais, enfrenta o avanço da cidade, fluxo turístico crescente e escassez de oportunidades para a juventude, ameaçando a continuidade de suas práticas culturais.

Nesse contexto, Santos (2002, p. 26) relata, em sua entrevista, que “Meus sobrinhos, meus irmãos e eu montamos um grupo de batuque: Raízes do Bolão para que não morra a tradição, pois tudo o que nós queremos é mostrar a nossa cultura para que todos possam ver que temos que viver para aprender.” No trecho, destaca-se o esforço consciente para preservar a tradição cultural quilombola. A citação sublinha ainda o propósito do grupo em evitar que a tradição se perca, refletindo não apenas um ato cultural, mas também um gesto de resistência contra o esquecimento. A frase “tudo o que nós queremos é mostrar a nossa cultura para que todos possam ver que temos que viver para aprender” ressalta a importância educativa do grupo de batuque *Raízes do Bolão*, enfatizando a vitalidade da cultura quilombola como um elemento essencial da identidade e uma fonte de aprendizado contínuo.

Também é importante ressaltar que a produção literária de Dona Esmeraldina carrega uma significativa carga histórica, a qual espelha a busca pelo reconhecimento de sua paisagem.

Os anos foram passando e as coisas se transformando, só não o racismo que continua em nossos dias, os negros passam e ainda são criticados. Curiaú nos dias de hoje tem mais respeito e amor pela sociedade, é bastante procurado nas festas e no balneário, onde as

pessoas sentem-se bem olhando a natureza; a vida deste povoado mudou, passaram a ter mais liberdade em tudo. Hoje é bonito ver as crianças quando vão à escola, este povo mudou, até mesmo no seu jeito de falar. Temos nossa cultura, trabalho e ocupação (Santos, 2002, p. 21).

Ao descrever a atual realidade do Curiaú, Dona Esmeraldina ressalta o progresso notável no reconhecimento da sociedade para com a sua comunidade. A autora destaca com orgulho a preservação da cultura, a existência de trabalho e ocupação, evidenciando não apenas a resiliência diante das adversidades, mas também a capacidade de transformação e crescimento individual e coletivo.

Hoje tudo mudou. Estou aqui parada, analisando e comparando os tempos. Antigamente as coisas não tinham tanta facilidade como hoje, até as águas as mulheres tinham que encher em um poço no meio do mato. Tinham água pura e tão limpa que dava gosto de beber. Meu avô dizia que não precisava do "feitiço" da geladeira. A partição de lenha. Tudo isso me enche de alegria, revive a história do nosso passado. O sufoco de lavar o salão. A igreja já não existe mais. Era muito árduo o serviço, devido a distância onde estava a água. Hoje estou vendo tudo mais fácil, o trabalho que tínhamos antes ficou hoje por conta do bombeiro: sinto-me aliviada, por não ter que entrar no mato com labirinto por todos os lados. Das conversas com minhas primas vivemos momentos de felicidade. Trouxe de volta a lembrança de nossos tios, pais e irmãos que não fazem mais parte do nosso mundo, mas que estão vivos em nossos corações (Santos, 2002, p. 28).

O texto faz uma reflexão nostálgica da autora sobre as mudanças ocorridas em sua comunidade ao longo do tempo. Dona Esmeraldina compara o presente com o passado, destacando as transformações que trouxeram facilidades, especialmente em relação ao acesso à água, algo tido como essencial e simples de se ter acesso nos dias atuais. A menção ao poço no meio do mato para obter água pura ressalta as dificuldades enfrentadas anteriormente, enquanto a referência ao "feitiço" da geladeira sugere uma visão lúdica e, possivelmente, crítica em relação às modernizações. O contraste entre o passado desafiador e o presente mais conveniente destaca a evolução vivenciada pela comunidade.

A menção às conversas com as primas e a evocação de memórias de tios, pais e irmãos que já se foram ressaltam a importância das relações familiares e da preservação da memória. O texto de Dona Esmeraldina não apenas documenta as mudanças práticas, mas também destaca a continuidade emocional através das gerações, mostrando como as lembranças mantêm vivas as histórias daqueles que não estão mais fisicamente presentes.

A escolha cuidadosa de palavras, imagens e metáforas pela autora é outro recurso que contribui para a construção de uma atmosfera que permite aos leitores sentir a textura das vivências quilombolas. A autora também

emprega um estilo que remete à tradição oral, criando uma proximidade maior entre os personagens e os leitores. Em último plano, a relação entre as obras literárias de Dona Esmeraldina e os desafios enfrentados pela comunidade em que ela vive revela não apenas uma documentação histórica, mas uma expressão artística cuidadosa que dá vida aos desafios da comunidade quilombola.

Para além dos desafios locais, as dinâmicas sociais e culturais dos quilombolas na obra de Dona Esmeraldina vão de encontro a reivindicações históricas mais amplas, de escopo não apenas nacional, mas que concernem a condição do negro antes escravizado em várias partes do mundo. Lélia Gonzalez (2020), nesse aspecto, salienta a incessante busca das comunidades negras por formas de resistência diante de sua desumana condição de escravidão no Brasil, estabelecendo, assim, uma conexão relevante com o testemunho de Dona Esmeraldina. A assertiva de Gonzalez ecoa a longeva tradição de resistência, em que a população negra invariavelmente buscou meios de insurgência contra a degradante situação a que tal população fora submetida.

Desde o século XVI, os quilombos emergiram como formas de resistência à escravidão, garantindo autonomia e identidade para as comunidades negras no Brasil.

Ele [O negro] sempre buscou formas de resistência contra a situação subumana em que foi lançado. De acordo com as informações que obtivemos da historiadora negra Maria Beatriz Nascimento, já em 1559 se tem notícia da formação dos primeiros quilombos, essas formas alternativas de sociedade, na região das plantações de cana do Nordeste. E os quilombos existiram em todo o país como a contrapartida, o modo de resistência organizada do povo negro contra a superexploração de que era objeto. Sua distribuição geográfica se articulou com a migração interna da população escrava (principalmente depois de 1850), forçada a satisfazer as exigências econômicas regionais do sistema. Os chamados “ciclos da economia brasileira” do período escravista (açúcar, mineração e café, além de outros mais secundários como algodão, fumo etc.) obrigavam a população escrava a tais deslocamentos, e esta, por sua vez, resistia com a formação dos quilombos (Gonzales, 2020, p. 44).

Angela Davis, ao discutir a formação das famílias afro-americanas como um meio de resistência, encontra eco nas experiências históricas compartilhadas por Dona Esmeraldina. A busca por autonomia e a construção de novos núcleos familiares foram estratégias empregadas não apenas para resistir às práticas desumanas da escravidão, mas também para forjar um sentido de identidade e coesão social diante das adversidades enfrentadas pelas comunidades afrodescendentes.

Mesmo quando os esforços da população negra para manter e estreitar seus laços familiares eram cruelmente atacados, a família continuava sendo um importante caldeirão de resistência, gerando e preservando o legado vital da luta coletiva por liberdade. Embora nossas bisavós e nossos bisavôs possam não ter tido a expectativa de libertar a si mesmo da escravidão, ou da meação, ou da cozinha do sr Charlie, podem ao menos ter transmitido seu sonho de liberdade às gerações seguintes (Davis, 1994, p. 69).

O segmento anterior ressalta a relevância da instituição familiar como um componente fundamental na resistência e na transmissão de um legado de luta pela liberdade dentro das comunidades negras. Ao entrelaçar a história pessoal de Dona Esmeraldina com a narrativa mais ampla da resistência negra, evidencia-se a resiliência ancestral que permeou as experiências da comunidade afrodescendente. A coragem manifestada na fuga do antepassado de Dona Esmeraldina não apenas ilustra a busca por liberdade individual, mas também ressoa como parte integrante de uma narrativa coletiva de resistência contra a opressão institucionalizada.

CONSIDERAÇÕES

A obra de Dona Esmeraldina transcende a literatura ao refletir sobre identidade quilombola, resiliência e memória, consolidando um legado cultural valioso.

A consciência histórica de Dona Esmeraldina é evidente em sua narrativa, especialmente ao mencionar, na obra citada, que a igreja onde realizavam as rezas já não existe mais. Esse reconhecimento das mudanças no ambiente físico e cultural mostra como a autora não apenas vive no presente, mas também é guardiã da memória coletiva de sua comunidade.

Outro ponto central das reflexões da escritora é a valorização das relações familiares. As conversas com seus entes queridos e as memórias dos seus ancestrais revelam a importância das conexões emocionais na construção da identidade quilombola. Assim, Dona Esmeraldina, ao resgatar essas memórias, não apenas honra aqueles que vieram antes, mas também destaca a continuidade dessas relações como elementos essenciais da comunidade.

Dona Esmeraldina emerge como uma voz vital na literatura contemporânea ao abordar as memórias e as experiências da comunidade quilombola do Amapá. Assim, este estudo busca valorizar e ampliar o diálogo inclusivo na literatura brasileira, reconhecendo as vozes marginalizadas e a riqueza da cultura quilombola.

AGRADECIMENTO A DONA ESMERALDINA

Ao final deste trabalho, manifestamos nossa profunda gratidão a Dona Esmeraldina, cuja produção literária constitui um importante testemunho de memória e de identidade quilombola no Amapá. Sua generosidade ao compartilhar suas experiências, saberes e vivências foi essencial para o enriquecimento deste estudo, permitindo-nos adentrar as complexidades culturais e históricas do Curiaú e, por extensão, a realidade quilombola do Amapá. Mais do que escritora, Dona Esmeraldina é guardiã de memórias, tecendo em suas narrativas um compromisso com a preservação da cultura quilombola. Que seu legado continue a inspirar novas gerações, fortalecendo a identidade negra e resistindo às adversidades.

REFERÊNCIAS

- BORGES, DANIEL. **PERFORMANCES DE NARRAÇÃO ORAL NO ENSINO DE LITERATURA EM TIMOR-LESTE: PRODUÇÃO DE ESTILOS EM CONTEXTO PÓS-COLONIAL.** TESE DE DOUTORADO. CAMPINAS: UNICAMP, 2020.
- BOSI, ECLÉA. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS.** 3^a ED. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1994.
- CANDIDO, ANTONIO. **LITERATURA E SOCIEDADE.** 1^a ED. SÃO PAULO: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1965.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO. "A ESCREVIVÊNCIA CARREGA A ESCRITA DA COLETIVIDADE, AFIRMA CONCEIÇÃO EVARISTO". INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2022.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO. **BECOS DA MEMÓRIA.** 1^a ED. BELO HORIZONTE: PALLAS, 2017.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO. "DA REPRESENTAÇÃO À AUTO-APRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA". **REVISTA PALMARES**, ANO 1, V. 1, P. 52-57, 2005.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO. "LITERATURA NEGRA: UMA POÉTICA DE NOSSA AFRO-BRASILIDADE". **SCRIPTA**, BELO HORIZONTE, V. 13, N. 25, P. 17-31, 2009.
- GONZALEZ, LÉLIA. A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM POLÍTICO-ECONÔMICA. IN: RIOS, FLÁVIA; LIMA, MÁRCIA (ORG.). **POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO-AMERICANO.** RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2020. P. 43

IPHAN. DOSSIÊ DE REGISTRO. BRASÍLIA-DF, 2018. DISPONÍVEL EM: <HTTP://PORTAL.IPHAN.GOV.BR/UPLOADS/CKFINDER/ARQUIVOS/DOSSIE_MARABAIXO.PDF>. ACESSO EM: 27 DEZ. 2023.

OLIVEIRA, MARCELO DE JESUS DE; SAMPAIO, JULIANO CASIMIRO DE CAMARGO; SILVA, OLÍVIA APARECIDA. ENTRE E PARA ALÉM DA LITERATURA: UM ESTUDO DA NOÇÃO 'ESCREVIVÊNCIA', DE CONCEIÇÃO EVARISTO. 2021.

PANTOJA, MARCIONE MORAES DOS SANTOS. COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP: RUPTURAS E CONTINUIDADES DE TRADIÇÕES E MEMÓRIAS (2000-2023). ORIENTADOR: CÉSAR AUGUSTO BUBOLZ QUEIRÓS. 2024. 141 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM HISTÓRIA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP, MACAPÁ, 2024

PERAZZO, F. P. NARRATIVAS ORAIS DE HISTÓRIAS DE VIDA. 2015. DISPONÍVEL EM: <FILE:///C:/USERS/NETOF/DOWNLOADS/REBECANUNESGUEDES,+8_[DOS8].PDF

REMENCHE, MARIA DE LOURDES ROSSI; SIPPEL, JULIANO. A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO RECONSTRUÇÃO DO TECIDO DA MEMÓRIA BRASILEIRA. PARANÁ, 2019.

REZENDE, LUCIANA BARRETO MACHADO; CAMPOS, BEATRIZ SCHMIDT. MEMÓRIA, ALTERIDADE E ESCRITAS DE SI EM CONCEIÇÃO EVARISTO, MARIA AUXILIADORA, CAROLINA DE JESUS E ELZA SOARES: A ARTE DA "ESCREVIVÊNCIA". ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, BRASÍLIA, N. 66, 2022.

SANTOS, ESMERALDINA DOS. AS AVENTURAS DE DONA FLORZINHA. MACAPÁ: PRINTGRAF EDITORA GRÁFICA, 2º EDIÇÃO. 2021. SANTOS, ESMERALDINA DOS. A ONÇA. BRASÍLIA/DF. ED DA AUTORA, 2020.

SANTOS, ESMERALDINA DOS. HISTÓRIAS DO MEU PVO. MACAPÁ: CONFRARIA TUCUJU/PMM, 2002.

SILVA JUNIOR, J. E. DA; TAVARES, A. L. DE O. PATRIMÔNIO CULTURAL, IDENTIDADE E MEMÓRIA SOCIAL: SUAS INTERFACES COM A SOCIEDADE. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM REVISTA, V. 5, N. 1, P. 3–10, 2018.

THOMPSON, PAUL. A VOZ DO PASSADO: HISTÓRIA ORAL. TRADUÇÃO DE LÓLIO LOURENÇO DE OLIVEIRA. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1992.

ZUMTHOR, PAUL. PERFORMANCE, RECEPÇÃO, LEITURA. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2007. TRADUÇÃO DE JERUSA PIRES FERREIRA E SUELY FENERICH.